

O último Boletim SOBEET indicou que em 2001 a participação dos segmentos industriais responsáveis por mais da metade das exportações brasileiras nos fluxos de IDE era pouco menos do que o dobro do período 1996-2001.

Essa evidência nos permitiu levantar a hipótese de que no médio prazo poder-se-ia verificar os efeitos positivos dos ingressos de IDE sobre os fluxos de exportações.

Todavia, indicamos que essa hipótese era preliminar e merecia algumas qualificações. Nesse oitavo Boletim SOBEET apresentamos uma das possíveis qualificações por meio da avaliação da pauta de importações industriais e dos fluxos de IDE para o setor secundário.

Boa Leitura.

Importações e fluxos de IDE para a indústria de transformação.

No último Boletim SOBEET identificamos que em 2001 os gêneros industriais responsáveis por parcela expressiva das exportações totais brasileiras detinham uma participação relativa nos fluxos líquidos de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) que chegava a ser pouco menor do que o dobro da média para o período 1996-2001. Essa evidência sustentou a hipótese de que o aumento relativo e absoluto dos fluxos de IDE para esses gêneros industriais poderia gerar estímulos positivos sobre as vendas externas brasileiras no médio prazo.

Entretanto, também indicamos que essa conclusão era preliminar e passível de qualificações. Nesse oitavo Boletim apresentamos uma qualificação sobre o tema, exercício que permite uma maior eficácia no processo de apreensão racional e lógica da inserção externa da economia brasileira. A qualificação diz respeito ao outro lado da balança comercial: as importações. Por meio da Tabela 1 anexa verificamos, em primeiro lugar, que entre 1996 e 2001, 58% das importações brasileiras estavam concentradas em 5 gêneros industriais (mecânica; material elétrico e equipamentos de comunicação; química; material de transporte e metalurgia). De acordo com o último Boletim, esses cinco gêneros industriais citados são responsáveis por 40% das exportações brasileiras entre 1996-2001.

Em segundo lugar, para o ano de 2001 tem-se que nada menos do que $\frac{1}{4}$ dos fluxos totais líquidos de IDE foram absorvidos por esses cinco setores industriais, valor que é mais do que o dobro da média entre 1996-2001. Essa evidência dá margem a duas interpretações: primeiro, se esses fluxos de IDE forem complementares à matriz produtiva industrial desses ramos, isso pode resultar na obtenção de superávits comerciais ao menos setoriais, dada a retração das importações e sua participação na pauta de exportações. ▼

Boletim da SOBEET

Edição e Redação: Fernando Ribeiro
Avenida Paulista, 326 - 1º andar
Conjuntos 15/16 - São Paulo-SP -
Brasil - CEP 01310-000
tel/fax: 55 11 287-6987/251-2237
e-mail: sobeet@uol.com.br

Por outro lado, caso esses fluxos de IDE traduzam estratégias empresariais de especialização, o que poderá ocorrer é um aprofundamento da rarefação das cadeias produtivas desses setores, fenômeno que tem como contrapartida a ampliação das importações de insumos e de matérias primas bem como das exportações desses setores, dada sua participação na pauta de exportações e dado o nível da taxa real de câmbio. Assim, do ponto de vista da balança comercial, verificar-se-ia não a ocorrência de superávits comerciais mas sim um aumento da corrente de comércio (importações e exportações).

Tabela 1 - Pauta de importações industriais e distribuição dos fluxos de IDE na indústria de transformação. (%) 1996-2001.

Importações (Gêneros Industriais - IBGE)							
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	Média 1996-2001
Mecânica	16,52	18,06	18,58	18,39	16,17	17,39	17,52
Material El. e Equip. de Com.	12,89	14,10	13,44	15,11	16,37	17,34	14,87
Química	10,77	10,52	11,16	12,32	11,69	12,01	11,41
Material de Transporte	8,45	10,68	11,76	9,44	8,84	8,55	9,62
Metalúrgica	4,33	4,84	5,08	4,47	4,50	4,62	4,64
Total Selecionado	52,96	58,19	60,02	59,72	57,57	59,92	58,07
Outras Indústrias	24,10	22,88	22,54	21,85	21,01	20,43	22,13
Total Ind. de Transf.	77,07	81,07	82,56	81,57	78,58	80,35	80,20
Fluxos de IDE (Setores industriais - BACEN)							
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	Média 1996-2001
Máquinas e Equipamentos	2,34	1,35	0,75	0,35	1,90	1,53	1,37
Material El. e Equip. de Com.	0,81	1,21	1,13	1,83	2,20	5,57	2,13
Química	2,89	2,40	1,53	4,47	3,70	7,24	3,71
Automotivo	3,73	1,45	4,56	7,72	3,20	7,38	4,67
Metalurgia Básica	0,39	0,00	0,51	0,49	1,10	3,49	1,00
Total Selecionado	10,16	6,41	8,48	14,86	12,10	25,21	12,87
Outras Indústrias	12,54	6,89	3,42	11,74	4,90	7,59	7,85
Total Ind. de Transf.	22,70	13,30	11,90	26,60	17,00	32,80	20,72

Fonte: Bacen e IBGE. Elaboração: SOBEET

PRESIDENTE: Antônio Corrêa de Lacerda (PUC-SP)
VICE-PRESIDENTE: Maria Helena Zockun (FIPE-USP)

DIRETORES: Antonio Prado (PUC-SP/DIEESE)
Renato Baumann (UnB/CEPAL-Brasil)
Virene Roxo Matesco (EPGE/IBRE-FGV-RJ)

CONSELHO CONSULTIVO:

Antonio Martins da Cunha Filho (DECEC-BACEN); Armando Castelar Pinheiro (BNDES); Arminio Fraga (BACEN); Arno Meyer (Ministério da Fazenda); Carlos Eduardo Carvalho (PUC-SP); Carlos Eduardo de Freitas (BACEN); Carlos Kwall (Citibank/PUC-SP); Carlos Mussi (CEPAL-Brasil); Claudio Frischtak (World Invest); Gustavo Franco (PUC-RJ); Hermann Wever (Siemens Brasil); João Paulo dos Reis Velloso (INAE); John E. Mein (Consente); Luciano Coutinho (IE-UNICAMP); Luiz Carlos Bresser Pereira (FGV-SP); Mário Vilalva (Promoção Comercial do Itamaraty); Maurício Mesquita Moreira (BNDES); Otaviano Canuto (IE-UNICAMP); Octavio de Barros (BBV-Brasil); Regis Bonelli (IPEA); Reinaldo Gonçalves (IE-UFRJ); Ricardo Bielschowsky (CEPAL-Brasil); Rubens Barbosa (Embaixador do Brasil em Washington); Rubens Ricupero (Secretário Geral da UNCTAD); Samuel Pinheiro Guimarães (IPRI); Sandra Polónia Rios (CNI); Vera Thorstensen (Missão do Brasil na OMC); Viviane Ventura (CEPAL-)

Mantenedores

SIEMENS



Lloyds TSB

ABN·AMRO Bank



Dresdner Bank Brasil

**AMCHAM
BRASIL**
São Paulo

Câmara Americana de Comércio
American Chamber of Commerce

PINHEIRO NETO ADVOGADOS